

# Uma homenagem a Eduardo Modiano (1952-2017)<sup>1</sup>

Luiz Chrysostomo de Oliveira Filho

Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 2017

Inicialmente gostaria de agradecer a presença de todos os sócios, diretores e participantes de nosso Instituto de Estudos de Política Econômica/ Casa das Garças nesse momento tão especial de homenagem ao economista, professor, empresário, amigo de muitos, homem público e sobretudo homem de família, Eduardo Marco Modiano, nosso querido Dudu. Da mesma forma agradecemos a Pécio Arida, seu colega de ideias e reflexões, contemporâneo dos tempos do MIT (Massachusetts, EUA) e do corpo docente do Departamento de Economia da PUC-RJ, por nos ter possibilitado, além deste tão almejado seminário hoje, a cessão de alguns minutos para dividirmos breves e saudosas memórias.

Agradecemos especialmente a presença de suas amadas filhas, e para mim, sempre meninas, Daniela, Alessandra, Fabiana e Julia, assim como de sua esposa Andrea.

Peço a todos a atenção para duas considerações:

- 1) A homenagem será na forma de um texto lido. Prefiro aqui, pelo momento, tentar conduzir minhas emoções ao invés de por elas ser conduzido...
- 2) Apesar de ser uma homenagem coletiva de seus amigos, me permito pontuar aspectos particulares e pessoais de algumas boas histórias vividas.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Apesar dos muitos atributos de Eduardo, pessoalmente ressalto três que para mim se destacam.

---

<sup>1</sup> Mensagem proferida no Instituto de Estudos de Política Econômica/Casa das Garças na abertura do seminário de Pécio Arida: “Inflação Inercial e Moeda na PUC-RJ dos anos 1980”

Como primeiro, a do acadêmico, educador e pesquisador.

Formado em Engenharia de Sistemas em 1973 na PUC-RJ, Eduardo ainda conseguiu tempo para simultaneamente realizar cursos de Administração Pública e Economia. Logo após a graduação em Engenharia rumou para Cambridge, Massachusetts, onde obteve o Mestrado em *Finance and Information Systems*, na *Alfred P. Sloan School of Management – MIT*, para em seguida obter o doutorado em *Operations Research and Economics* com apenas 26 anos.

Pesquisador obsessivo, detalhista, intenso em tudo o que fazia, o convívio com o mestre e posteriormente colega era sempre um desafio intelectual instigante. Não abria concessões para hipóteses fracas, buscava sempre modelar com impressionante rigor. Dominava como poucos técnicas estatísticas e econométricas, bem como possuía uma rara habilidade de programação computacional. Dominava os dados com faro e intuição apuradas. Brincávamos que ele torturava os números até eles confessarem a verdade. Insatisfeito muitas vezes com os incompletos e iniciantes pacotes estatísticos da época, ele mesmo, quando insatisfeito com os recursos disponíveis, se sentava e programava muitas vezes enormes e complexos programas que permitissem alcançar os resultados almejados. E de fato conseguia...

Numa época sem os recursos de informática e hardware de hoje (ele trouxe o primeiro microcomputador da Apple para o Departamento) era um desafio continuo o trabalho para seus estagiários e assistentes de pesquisa, eu e alguns outros aqui presentes que o digam....

Dioniso Dias Carneiro e Chico Lopes, parceiros frequentes no desenvolvimento dos grandes modelos macroeconômicos estruturais da economia brasileira, e co-autores do modelo macro de projeção do Departamento, brincavam que Modiano era o organizador e criador do primeiro “*junco chinês*” do Brasil, tamanho o numero de assistentes de pesquisa que ele monopolizava para seus testes econométricos....

Após alguns anos de labuta foi me concedido o título honorífico de “capataz” do junco...Nunca consegui entender se isso era ou não uma qualidade... mas Gustavo Gonzaga, gozando como eu da senioridade do grupo de assistentes era meu Co-Head na tarefa! E no título!

Descrever a ida ao RDC (Rio Data Centro) da PUC para pegar as listagens impressas do computador central era parte de um certo folclore... que muitas vezes varava a madrugada... com Modiano sempre esperando os resultados... e que nós a partir de uma certa hora, ao anoitecer, com tudo mais escuro, dávamos uma parada técnica pelo Campus para dar uma relaxada...

A expectativa era que ele talvez já tivesse ido embora e só retornasse no dia seguinte....

Qual era nossa surpresa ao encontrá-lo em várias ocasiões, de pé, aguardando os testes....

Acho que ele não conseguia dormir sem ao menos ver para onde estavam indo os resultados.

Como professor, Eduardo sempre apresentou um domínio pleno dos temas que ensinava, seja Pesquisa Operacional, Econometria, Estatística ou Microeconomia. Didático, conduzia as aulas sem quase nenhuma anotação. Derivava os modelos em aula e preferia que dessa forma os alunos o pudessem acompanhar, dialogava com os números e a teoria. Chegava pontualmente, usava todo o tempo da aula, mas nunca vi qualquer aluno reclamar. Era prazeroso.

Eduardo Modiano ao mesmo tempo em que incutia nos seus alunos e assistentes a disciplina e a obsessão pela pesquisa fidedigna, produziu e pesquisou em diversas áreas. Cito aqui particularmente duas. Uma a área de estudos de Energia e Economia, desenvolvendo sofisticados modelos de projeção de demanda para um país carente de planejamento.

Mas foi em meados dos anos 1980 que Eduardo passou a se dedicar a uma segunda área de atenção: o fenômeno da alta inflação e os processos de estabilização da moeda. Em um ambiente único e fascinante do Departamento de Economia da PUC-RJ, repleto de reflexões, berço das grandes ideias que iriam definitivamente extinguir a inflação no país, Eduardo contribuiu ao lado de Pérsio Arida, André Lara Resende, Chico Lopes, Dionisio Dias Carneiro e Edmar Bacha, dentre outros grandes nomes do Departamento, com propostas que mudariam definitivamente a história

e os rumos do Brasil. Ativo na pesquisa sobre a inércia inflacionária e a indexação, Dudu mensurou e propôs alternativas de reajustes de salários e preços, propôs novas fórmulas de conversão, buscou construir alternativas que mitigassem efeitos distributivos, pensou regras de transição para um novo regime de preços. Fazia com entusiasmo e paixão. Esteve presente no nascimento do Plano Cruzado, elaborou e disseminou as famosas tablitras de conversão. E se entristeceu com os descaminhos do plano e o uso político das boas ideias. Mas não desistiu. Seu livro, **Inflação, Inércia e Conflito**, publicado em 1988 reuniu parte importante de suas pesquisas e descobertas sobre o tema, e com seus 12 capítulos, se tornou uma referência para os interessados e pesquisadores da matéria.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Como segundo atributo, eu destacaria o homem público, planejador e executor de políticas públicas. Nesse quesito destaque não apenas o formulador que trabalhou nos primórdios do Plano Collor de 1990, como uma nova e radical tentativa de debelar uma inflação elevada e descontrolada, após as sucessivas tentativas anteriores de estabilização, mas especialmente o Presidente do BNDES e pai das grandes privatizações do início dos anos 1990. Papel que mudou definitivamente a feição do Estado Empresário brasileiro.

Com o novo governo instaurado, Eduardo, então com 38 anos, assumiu a missão de iniciar uma profunda reforma do Estado, em especial na estruturação e condução de um dos mais ambiciosos programas de privatização do ocidente. Suas habilidades foram colocadas a prova em um ambiente hostil, politizado, que mexia com poderes estabelecidos e de penúria financeira das antigas empresas estatais

Foi necessário começar do zero. Desenhar o programa em si, a própria Lei 8031 que regulou o PND (Programa Nacional de Desestatização) e conduzir parte das negociações com o Congresso Nacional para sua aprovação. A elaboração da metodologia de avaliação das empresas, a criação dos mecanismos de leilões públicos em bolsa, tudo em prol da maior transparência na alienação dos ativos públicos.

Antes, entretanto, foi necessário criar as condições mínimas para a venda. Realizaram-se grandes ajustes prévios e complexas reestruturações societárias, como:

1) Na siderurgia, desmontar a holding Siderbras, renegociar contratos locais e rever acordos internacionais não cumpridos por governos brasileiros passados, como no caso da Usiminas e da Nippon Steel, ou da Companhia Siderúrgica Tubarão e a Kawasaki Steel. Negociações longas e penosas em Tokyo, diretamente com os “samurais” do Keidaren e o próprio governo japonês.

2) O enfrentamento com a lendária e arrivista AEPET (Associação dos Engenheiros da Petrobras), a Petrobras e o Ministério das Minas e Energia para viabilizar o desmonte da Petroquisa e início da venda dos polos petroquímicos e da segunda geração da petroquímica.

Quem não se lembra da guerra em praça pública, em frente a Bolsa de Valores, na primeira tentativa de leilão da Usiminas, uma batalha campal e física no centro do Rio de Janeiro, contra as centrais sindicais, Lula e Brizola?

Do Elefante da privatização, que coroou uma longa e vitoriosa campanha de comunicação nacional de mudança da opinião pública, levando a população a apoiar o PND e deixar de lado sectarismos de políticos obsoletos e de interesses escusos?

Eduardo, novamente obstinado e determinado, no comando da competente e experiente equipe do BNDES, bem como na Presidência da Comissão Diretora do PND, respondendo diretamente ao Presidente da República, soube construir uma sólida base de defesa, com forte lastro jurídico, ao ponto de não ter sequer uma única venda sido questionada pelo Tribunal de Contas de União, e isto em um cenário político do início dos anos 1990 que não precisamos lembrar.

Algumas vezes mobilizávamos na véspera de um leilão mais de 100 advogados pelo Brasil na tentativa de barrar as diversas liminares simultâneas que pipocavam pelos tribunais...ali acho que entendi a real utilidade de ter trabalhado no famoso “junco chinês” ...

A primeira fase do PND privatizou setores como o de siderurgia, a petroquímica e o de fertilizantes, como também abateu dívida pública e transferiu endividamento das estatais para o setor privado. Além disso abriu espaço para a continuidade de um programa organizado de reforma

do Estado, culminado com a grande privatização do Sistema Telebrás em 1998, já no governo Fernando Henrique Cardoso.

Por essa coragem e outras ousadias, Eduardo foi agraciado e reconhecido publicamente. Entre as várias condecorações recebeu, no Brasil, em 1992, A Ordem do Mérito do Rio Branco, e no exterior o título, em 1993, de Global Leader for Tomorrow, concedido pelo World Economic Forum, em Davos, na Suíça. Tinha apenas 41 anos.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Por último, eu gostaria de finalizar com um atributo muito especial de Eduardo. O atributo da amizade, e especialmente da dedicada e amorosa paternidade.

Como amigo, apesar de muitas vezes tímido e reservado, não perdia o humor, uma piada ou uma boa brincadeira. O curioso é que também caçoava de si próprio quando algo dava errado. E ríamos muito. Quando era pego no contrapé, e via que tinha perdido algo, depois do breve período de irritação (as vezes não tão breve...) brincava, mas não perdia a chance marota de revidar. E isso as vezes podia levar anos! Mais ele revidava.

Dudu, sempre foi generoso com seus amigos e alunos. Dava chance, acreditava, ia junto. Sempre ouviu muito antes de tomar as decisões. Não por insegurança. Mas por respeito e confiança.

Queria saber o que o outro pensava. Queria a melhor decisão.

Mas foi na paternidade que vi sua plenitude. Sempre preocupado, e atencioso. No meio dos maiores tiroteios que a vida nos reserva, e ele não teve poucos. Sempre houve atenção, um momento de parada e de conversa com suas filhas. Um tempo para elas. Um tempo com elas. Um tempo delas.

As vezes nas correrias dos *roadshows* no exterior, com os horários contados, avião decolando, ele saía correndo, e ia atender um pedido, comprar um regalo....

E quando não tinha mais espaço na mala, apelava ao espaço da bagagem de quem estivesse mais próximo...

As meninas, como ele falava, sempre estiveram no centro de sua vida. Brincava que achava que comandava um harém, pois sempre esteve cercado de muitas mulheres, e dizia que ninguém entendia nada dessa complexidade feminina. No fundo, sua maior alegria.

Eduardo deixa saudades sim, mas deixa vida. Deixa exemplo, determinação e deixa a mensagem de que vale sempre tentar.

Termino aqui com uma frase do filósofo e professor Marcio Tavares do Amaral que lembra muito do que vi, e aprendi:

**“A vida, a leve e a pesada, não merece menos que tudo. E desistir, de verdade, não é uma opção”**

Obrigado.